



LURDES PINTASILGO À «F MAGAZINE»

Uma mulher como Chefe do Governo lógica da evolução política em Portugal

«Tentarei executar as reformas indispensáveis à situação dos portugueses, mais desfavorecidos» — declarou à revista «Magazine», que se publica em Paris, o primeiro-ministro português, Maria de Lurdes Pintasilgo.

Na entrevista, que ocupa quatro páginas e sairá no número do próximo dia 3, Maria de Lurdes Pintasilgo disse também que não se absterá de pôr em prática as medidas económicas que se impõem, mesmo as impopulares, e cujas consequências se farão sentir para além da existência do seu Governo.

A revista francesa, que põe a tónica da entrevista no facto do Governo ser chefiado por uma mulher, colocou a Maria de Lurdes Pintasilgo questões relacionadas com os problemas da mulher, nomeadamente o aborto, a contracepção e o salário feminino.

Para o primeiro-ministro por-

tuguês, a despenalização do aborto clandestino em Portugal não é assunto que possa ser tratado pelo seu Governo, pois — afirmou — uma lei de tal «envergadura» tem que ser precedida de uma discussão no Parlamento.

Referindo que vê «com simpatia» a nova lei francesa sobre o aborto, Maria de Lurdes Pintasilgo é de opinião que em Portugal se «escamoteia» o grande debate subjacente ao tema: A Sexualidade.

Maria de Lurdes Pintasilgo afirmou entender que se uma mulher ocupa o lugar de chefe do Governo, tal se deve «à lógica da evolução política em Portugal», que permite as mulheres saírem do «ghetto» em que se encontravam antes do 25 de Abril.

Sobre as reacções hostis que surgiram após a sua nomeação para primeiro-ministro, Maria de

Lurdes Pintasilgo considerou-as «oposições de carácter político... mas afectadas por um coeficiente de misoginia», o que, segundo disse, já lhe aconteceu por várias vezes durante a vida.

«Já o tenho verificado muitas vezes: uma mulher incómoda. A partir do momento em que diz uma palavra, esta surge logo como insólita, mesmo que tecnicamente semelhante ou paralela à dita por um homem». Tal palavra — explicou — é imediatamente tida «como insolente».

«Em meios quase exclusivamente masculinos, os homens rodeiam-se de ritos e liturgias, obsecados pela imagem que pretendem dar de si. Eu — disse a terminar — «nunca aceitei tais códigos. Não por preocupações de originalidade mas em nome de códigos muito simples: a verdade, a espontaneidade e a criatividade».